

## Elementos da “cor local” em prefácios cascudianos da década de 1930

Profa. Ms. Maria da Conceição Silva Dantas Monteiro i (UERN)

### Resumo:

Luís da Câmara Cascudo iniciou a sua trajetória como prefaciador em 1921, ao publicar *Alma patrícia*. “Em vez de prefácio” foi o título atribuído por ele ao texto introdutório àquela que seria sua primeira obra. O autor também prefaciou, naquela mesma década, o livro *Versos*, do escritor norte-rio-grandense Lourival Açucena, e o *Livro de poemas*, do poeta potiguar modernista Jorge Fernandes, ambos em 1927. Ao longo da década de 30, do século XX, Luís da Câmara Cascudo produziu quatro prefácios: o primeiro para o livro *Ensaio, contos e crônicas*, de Afonso Bezerra, que é datado de 16 de março de 1930; o segundo para a obra *O calvário das secas*, de Eloy de Souza, com data de outubro de 1938; o terceiro contempla *Várzea do Açu*, de Manuel Rodrigues de Melo, datado de outubro de 1939, e o último foi para *Cana-caiana*, de Ascenso Ferreira, que registra apenas o ano em que o prefaciador o escreveu: 1939. Estudar os textos introdutórios, escritos por Luís da Câmara Cascudo entre os anos de 1930 e 1939, é o objetivo desse artigo.

**Palavras-chave:** Prefácio. Crítica. Luís da Câmara Cascudo. Rio Grande do Norte.

### 1 Introdução

O prefácio assume, na história, múltiplas denominações latinas, gregas ou vernáculas. Assim temos: prefácio, posfácio, proêmio, prolegômenos, prólogo, introdução, aviso, advertência, etc.

Elvo Clemente, 1986

Durante seus 87 anos de vida, Luís da Câmara Cascudo produziu um vasta obra, dentre as quais se destacam *Alma patrícia* (1921) e *Joio* (1924), livros de crítica literária, *Vaqueiros e cantadores* (1939), que tematiza a cultura popular e *Rede de dormir* (1957), cujo subtítulo já explica do que trata a obra: é “uma pesquisa etnográfica”. Ao todo são mais de 150 títulos que compõem a extensa lista de livros sobre os mais variados temas. Além de escrever, o pesquisador também prefaciava muitas obras: José de Alencar e Silvio Romero são alguns dos escritores brasileiros que tiveram seus livros prefaciados por ele. Os prefácios de Luís da Câmara Cascudo (1921-1985) são o objeto de estudo de uma tese de doutoramento ora em andamento<sup>1</sup>.

O *corpus* da pesquisa no âmbito da qual se situa esta análise é composto por cerca de 70 textos: prefácios, proêmios, apresentações, notas, orelhas, posfácios, cartas-prefácios e outros gêneros usados pelo escritor-prefaciador para apresentar e/ou analisar as obras.

---

<sup>1</sup>O título provisório da tese é *Luís da Câmara Cascudo prefaciador: escritos que atravessaram o século XX – 70 anos de prefácios*.

No conjunto do *corpus* representado, os prefácios foram catalogados, digitalizados, lidos, resumidos, previamente analisados, e, em seguida, separados em dois grupos: de 1920 a 1940; de 1950 a 1980.

As obras prefaciadas vão desde autores locais – norte-rio-grandenses – com circulação restrita no cenário literário, até obras conhecidas mundialmente como é o caso de *Dom Quixote de La Mancha*, do escritor espanhol Miguel de Cervantes.

A Opção por estudar esse material, seguindo a sequência cronológica, é por acreditar que essa linearidade permitirá conhecer melhor e compreender mais profundamente a dimensão do pensamento do prefaciador, além de auxiliar no entendimento do discurso prefacial de Luís da Câmara Cascudo e/ou seguir a linha de raciocínio que o norteava, a qual fora usada para ligar um prefácio ao outro, ou até mesmo a linha tênue usada pelo pesquisador para estabelecer relação entre os mais de 70 prefácios. Portanto, os textos estão sendo analisados levando em consideração não só o ano da publicação da obra, mas sobretudo o da sua escritura, o qual é registrado pelo prefaciador, juntamente com sua assinatura, ao final de cada texto escrito.

## **2 “Antes do tempo que julgávamos”: prefácio à obra *Ensaios, contos e crônicas*, de Afonso Bezerra (1930)**

O texto introdutório que integra a obra *Ensaios, contos e crônicas* foi escrito por Luís da Câmara Cascudo ao receber a notícia da morte de Afonso Bezerra, escritor potiguar que faleceu precocemente aos 22 anos de idade, em 08 de março de 1930. O trecho que intitula este segundo tópico explica, ou melhor, define como foi vista por Luís da Câmara Cascudo a partida do jovem intelectual: “Antes do tempo que julgávamos” (CASCUDO apud BEZERRA, 1967, p. 363), e o texto intitulado “Afonso Bezerra” foi publicado no jornal natalense *Diário de Natal*, de onde posteriormente foi reproduzido e passou a integrar a obra como posfácio.

No posfácio do livro de Afonso Bezerra, Luís da Câmara Cascudo apresenta o jovem escritor, citando qualidades de sua personalidade. Traça um perfil a partir de atitudes simples e próprias do contista. Sobre a figura do escritor Afonso Bezerra, o prefaciador adjectiva: “Altivo, meigo, simples, ingênuo, dedicado, acendia-lhe a curiosidade intelectual o vivo desejo de conhecer **as razões da nacionalidade**” (CASCUDO apud BEZERRA, 1967, p. 363 - Grifos nossos). O fato de Afonso Bezerra ser sensível às questões da nacionalidade, o seu interesse pela temática local e a sua curiosidade sobre o folclore foram os aspectos que mais chamaram a atenção de Luís da Câmara Cascudo.

Tais razões explicam a escolha do escritor Afonso Bezerra pelos temas que aparecem na

sua obra ao tratar de questões como o sertão, os mitos, a seca, o povo sertanejo e seus costumes, as chuvas e o cenário inóspito, típico do ambiente (re)criado pelo contista para narrar a estória de seus personagens.

Luís da Câmara Cascudo não tece considerações acerca a obra do cronista potiguar que - até esse momento ainda era inédita - e assim permaneceu até 1967, quando foi reunida, organizada e publicada postumamente a partir da iniciativa de Manuel Rodrigues de Melo. Essa obra que estava publicada em jornais e revistas nacionais e locais, está atualmente disponível no *Portal da Memória Literária Potiguar* ([www.mcc.ufrn.br/portaldamemoria](http://www.mcc.ufrn.br/portaldamemoria)).

Luís da Câmara Cascudo relata que desde muito cedo o cronista tinha fascínio pela literatura: “Leu, num início de vida livre, meus livros de crítica. **Interessou-se pelo folclore**” (CASCUDO apud BEZERRA, 1967, p. 363 – Grifos nossos). Afonso Bezerra se identificou com os temas abordados e a partir de então tornou-se uma espécie de colaborador nas pesquisas de Luís da Câmara Cascudo: “Mandava-me notas onde quer que estivesse” (CASCUDO apud BEZERRA, 1967, p. 363). O ensaísta mantinha contato via carta, assim como outros escritores, com Luís da Câmara Cascudo: “Colegial ainda, escrevia-me deslumbrado” (CASCUDO apud BEZERRA, 1967, p. 363).

Luís da Câmara Cascudo compartilhava do mesmo sentimento de nacionalidade que Afonso Bezerra, por isso a discussão acerca da “cor local” torna-se matéria de interesse comum entre os escritores e está presente em seus prefácios. Temas como a seca, o sertão, o povo nordestino (o sertanejo), o nordeste como metáfora de mundo (mundo à parte), assim como a memória e a tradição que também co-habitam o espaço dos prefácios cascudianos. Outros temas se sobressaem: a industrialização e a modernização, as questões sociais e até políticas são recorrentes nos textos.

### **3 “Um estado mártir das secas”: prefácio à obra *O calvário das secas*, de Eloy de Souza (1938)**

Luís da Câmara Cascudo faz uma espécie de análise sociológica da seca no nordeste (causas naturais *versus* problemas sociais). O prefaciador define a seca como sendo uma: “... questão de três séculos, despovoadora de uma região, assassina de dois bilhões de brasileiros, empobrecedora de recursos e matadora de alentos” (CASCUDO apud SOUZA, 1940, p.07) O trecho que intitula o tópico três “Um estado mártir das secas ” exprime a opinião de Luís da Câmara Cascudo sobre seu estado de origem; inconformado, o intelectual apresenta números que mostram a relevância econômica do nordeste para o Brasil:

No âmbito econômico não somos, nem fomos acessórios, parasitas, dando auxílios acidentais. Mesmo não computando o elemento humano, o primeiro e maior, que exportamos, mesmos em cifras de exportação, nada nos envergonhará. Em 1921, para aproveitar dados velhos, em tempo de atraso em nossa aparelhagem, Ceará,

Rio Grande do Norte e Paraíba exportavam 74.294: 920\$400... (CASCUDO apud SOUZA, 1940, p. 11).

O prefaciador assume uma postura crítica face ao problema e ao impasse do governo em resolvê-lo. Cita Eloy de Souza como alguém que conhece os problemas e está tentando defender a causa de seu povo:

Neto de vaqueiros, apaixonado pelo folclore matuto, encaneceu sempre enamorado de sua terra convulsa e triste, exaltando-lhe em prosa as figuras emocionais dos cantadores, dos chefes, o amor à família, o ritmo do trabalho, as virtudes perpétuas da honra doméstica, da fé ingênua, as próprias superstições milenares, a paixão pelo cavalo, pela palavra dada, enfim tudo quanto representa a ‘constante’ em nossa civilização ibero-cristã (CASCUDO apud SOUZA, 1940, p. 08).

Luís da Câmara Cascudo tematiza sobre a transposição do Rio São Francisco como possível solução para o problema da seca no nordeste. Trata da ida de nordestinos para o sul do país (êxodo) e responsabiliza o governo pelo fato de as pessoas abandonarem seu estado e sua região de origem, buscando compreender a atitude daqueles que deixam o nordeste e o Rio Grande do Norte: “Podemos dizer, com as nossas e as suas conclusões que o nordeste recebeu destino mais histórico que econômico. Essa razão não o obriga a continuar como *officina gentium*, fornecendo homens e energia para o extremo norte e sul do Brasil” (CASCUDO apud SOUZA, 1940, p. 10).

O prefácio à obra *O calvário das secas* obriga o leitor a refletir sobre a situação histórica, social e econômica do nordeste, bem como sobre o papel do povo oriundo da região. O prefaciador desafia o leitor oferecendo-lhe dados (informações “privilegiadas” e estatísticas da economia nordestina) e comprova a injustiça cometida pelo país não permitindo que o nordeste se desenvolva por causa da seca. A reflexão provocada pelo discurso prefacial de Luís da Câmara Cascudo faz o leitor (especialmente o nordestino) se indignar com tal situação. O prefácio é, então, ou pode ser considerado, um verdadeiro manifesto em prol da resolução do problema em evidência (a seca).

A partir da leitura desse prefácio pode-se conhecer mais intimamente um Luís da Câmara Cascudo “politizado”, pode-se dizer engajado politicamente e ele demonstra isso ao se colocar de forma aberta contra o sistema que impede a resolução do problema da seca, para que, desse modo a sua região possa se desenvolver. A postura assumida por Luís da Câmara Cascudo é reta. Sua argumentação é direta e objetiva; a sensação que se tem é a de que ele estaria discursando para uma plateia que precisaria ser esclarecida e convencida: é como se ele se sentisse na obrigação de esclarecer os nordestinos acerca do que estava acontecendo. É como se ele dissesse para o restante do país: os nordestinos já sabem de tudo, por isso vocês precisam resolver o problema – o Brasil deve isso ao nordeste. O prefaciador lembra que o Brasil tem uma dívida para com o Nordeste:

As obras, de qualquer vulto são merecidamente dignas desse povo. Ele está em São Paulo, no oeste paulista, começando o desbaste das matas, o arroteamento do campo, dando as primeiras vítimas de luta. Depois chega, com as proteções clássicas, o colono italiano. Está em toda Amazônia, varejando florestas e povoando descampados, mudando a toponímia, domando índios, afastando limites, conquistando o Acre, depois de cobri-lo com seu sangue amoroso, num sacrifício de júbilo ardente e patriótico (CASCUDO apud SOUZA, 1940, p. 11).

Luís da Câmara Cascudo trata da seca e da transformação provocada por ela no país: “De 1895 a 1910 tínhamos assistido partir do Rio Grande do Norte 58.837 pessoas, número inferior a verdade, (...) porque milhares saíram por terra, pelo interior, sem possibilidades de dados para uma futura estatística” (CASCUDO apud SOUZA, 1940, p. 11).

Luís da Câmara Cascudo mostra que o Nordeste está contribuindo para o crescimento do Brasil e mesmo assim o país não está preocupado em resolver o problema da seca nessa região: “O Nordeste, lutando e morrendo, salvou a unidade nacional, a extensão magnífica do Império, o orgulho de um imenso país, íntegro e contínuo, em idioma, lei e costume” (CASCUDO apud SOUZA, 1940, p. 11).

#### **4 “O Passado vai falar”: prefácio à obra *Várzea do Assu*, de Manuel Rodrigues de Melo (1939)**

*Várzea do Assú*: paisagens, tipos e costumes do Vale do Assú. O título da obra resume de forma objetiva o assunto a ser tratado: a “cor local” será destaque, pois o autor – Melo – como homem de seu tempo e de seu espaço (Cf. ASSIS, 1873, p. 03 ), vendo as tradições serem deixadas para trás, em um gesto de saudosismo decidiu preservá-las, registrando-as e imortalizando-as em seu livro. Oriundo de uma região do Rio Grande do Norte conhecida por manter - ou tentar - as tradições, o chamado “Vale do Assú<sup>2</sup>” ou “Várzea do Assú”, a qual se tornara, como o resto do mundo, alvo de mudanças. Transformações provocadas, certamente, pela modernização que impusera um novo ritmo à vida pacata do interior do Rio Grande do Norte.

Luís da Câmara Cascudo traça um breve perfil de Melo: “Menino de várzea, nadador do rio, *fan* de todas as alegrias coletivas do seu povo, assistiu aos sucessos humildes e trágicos embebendo-se-lhe nos olhos infantis o assombro que retrata fielmente nesse livro sincero” (CASCUDO apud MELO, 1940, p. 03 – Grifo do autor).

---

<sup>2</sup>Açu ou Assú são a mesma palavra. Pela etimologia a forma indígena Açu significa grande. Contudo, a cidade do Assú (RN) foi assim registrada, pois desconhecia-se, na época, a forma original correta.

Manuel Rodrigues de Melo é apresentado pelo prefaciador como uma exceção, tendo em vista que não é poeta. Pois, segundo a tradição local, é regra os açuenses já nascerem poetas, afinal Açú (RN) é considerada, no Rio Grande do Norte, como sendo “A terra dos poetas”.

Tradicionalmente, Manuel Rodrigues de Melo era uma pessoa sensível e atenta aos costumes da sua terra, sendo intelectual, deveria ser poeta. No entanto, ele é apresentado como cronista e como alguém que pesquisa sobre, ou que se interessa pelos temas de sua região: “Está pesquisando a história velha de *Oficinas* onde, primeiro em todo Brasil, tentou-se a industrialização da *carne-de-sol*, a *carne-sêca*, posteriormente chamada de *carne-do-ceará*” (CASCUDO apud MELO, 1940, p. 03 – Grifos do autor).

“Rodrigues de Melo continua uma tarefa nobre, difícil e bonita, de ressuscitar quem o Tempo matara” (CASCUDO apud MELO, 1940, p. 03). A palavra “tempo” em destaque por iniciar com letra maiúscula faz referência à perda das tradições observada por Melo. “Também a parte etnográfica, hábitos, costumes, superstições, atos instintivos, vem à tona, num acento nítido e verídico” (CASCUDO apud MELO, 1940, p. 04). É nítida a admiração de Luís da Câmara Cascudo pelo escritor e pela sua obra, que considera um “memorial de sentimento e fé” (CASCUDO apud MELO, 1940, p. 05 – Grifos do autor).

### **5 “*Copyright by Ascensão*”: prefácio à obra *Cana-caiana*, de Ascenso Ferreira (1939)**

O prefácio foi escrito para a obra *Cana-caiana*, mas o prefaciador também tece comentários (faz uma breve análise) sobre *Catimbó*, obra que Ascenso Ferreira publicou em 1927.

Luís da Câmara Cascudo, que conviveu com o poeta durante o período no qual fizeram o curso de Direito juntos, de 1924 a 1928, em Recife (PE), descreve como era sua relação com o poeta Ascenso Ferreira:

Ascenso, durante cinco anos, foi um companheiro dileto, solidário com as caminhadas sem rumo, namorando casario colonial, calcando as pedras que viram Nassau e ceando peixe frito num frege ou devorando abacaxis no cais que se chamava *dos Abacaxis* : (CASCUDO apud FRREIRA, 1940, p. 25).

O prefaciador testemunhou o “nascimento”, por que não dizer a estreia do colega que se tornaria poeta modernista:

“ Ascenso fazia sonetos e um deles ficou célebre: - “Adeus! Eu voltarei ao sol da Primavera.” Chovesse, ou encandeasse o sol, fatalmente, na despedida, vinha a *chave de ouro*: - “Adeus! Eu voltarei ao sol da Primavera.” (CASCUDO apud FRREIRA, 1940, p. 26 – Grifos do autor).

Ele relata a transformação pela qual passou a poesia de Ascenso Ferreira e registra o momento em que o poeta deixou os sonetos para trás e passou a escrever versos brancos e livres, à

moda dos modernos.

“Assisti Ascenso largar o “Sol da Primavera” e escrever e dizer seus versos iniciais, absolutamente *copyright by* Ascensão (...) Ascenso, primeiro que outro no Brasil, incluiu no recitativo um trecho musical popular, um refrão, um trecho de embolada, como impressão sonora de cor e ambição local” (CASCUDO apud FERREIRA, 1940, p. 25-26 – Grifos do autor ).

Luís da Câmara Cascudo coloca-se como um incentivador da nova poética adotada por Ascenso: “Ascenso fazia sonetos [...] Animei-o a desacatar as meninas que gemiam poemas líricos e bradar os versos novos, cheirando a mato e a brasilidade, livres de títulos e de doutrinas” (CASCUDO apud FERREIRA, 1940, p. 25-26).

## **Conclusão**

A partir do estudo dos prefácios escritos por Luís da Câmara Cascudo pôde-se perceber a presença recorrente de elementos da discussão sobre a “cor local”. Temas como o sertão, a seca, o sertanejo e seus hábitos, a memória, a tradição, a modernização e o Nordeste aparecem na maioria dos seus textos. O prefaciador também destaca a força criadora dos autores, o domínio que eles têm sobre a temática abordada, o instinto de “nacionalidade” e a contribuição que a obra poderá dar para a preservação da memória e fortalecimento da tradição.

Para auxiliar com o trabalho de análise dos prefácios cascudianos foram lidos prefácios produzidos por escritores da Literatura Brasileira, desde José de Alencar e Machado de Assis até autores mais atuais como Clarice Lispector. Também foram analisados prefácios de Antonio Candido para fazer uma análise comparativa com aqueles que compõem o *corpus*, a fim de examinar o que há em comum nesses textos. As leituras da crítica dialética discutida por Antonio Candido (1980/1997) foram basilares para o entendimento e posterior estudo dos textos.

Percebe-se que existe algo em comum nos quatro prefácios analisados nesse artigo: a presença recorrente de elementos da “cor local”. A seca, por exemplo, é citada pelo prefaciador em três textos, assim como o sertanejo e seus hábitos, já a tradição aparece em todos.

A literatura dos anos 20, do século XX, sobretudo o romance, tinha como preocupação o contexto político e social. Enquanto eram escritos, por todo o país, romances regionais “engajados”, no Rio Grande do Norte, pode-se dizer que essa discussão ficou por conta dos artigos publicados em jornais e revistas locais. Outros, no entanto, ultrapassaram o espaço dos jornais e se tornaram prefácios em obras literárias e não literárias.

Esses artigos, que estavam esparsos em jornais, também se mantinham atualizados com as discussões acerca da temática do social e em alguns momentos foram muito bem utilizados. Pode-se dizer que foram escritos romances (neo-realistas) no Rio Grande do Norte, mas os artigos

(alguns deles transformados posteriormente em prefácios) assumiram essa função e discutiam de forma profunda e crítica a temática abordada. Intelectuais como Luís da Câmara Cascudo e Eloy de Souza buscaram pesquisar e discutir a problemática da seca a partir de uma perspectiva diferenciada (até então os autores que haviam tratado da temática discutiam sobre o assunto sem conhecê-lo verdadeiramente). A partir da leitura e estudo desses textos, pode-se notar um Luís da Câmara Cascudo que se posiciona criticamente sobre a questão secular que mais assola o povo da região Nordeste.

Portanto, não foram produzidos romances neo-realistas, nos anos 30, no Rio Grande do Norte, mesmo assim pode-se dizer que os intelectuais do estado, a exemplo de Luís da Câmara Cascudo e Eloy de Souza, estavam atualizados quanto a essa discussão. O prefácio de Luís da Câmara Cascudo para o livro *O calvário das secas* comprova essa afirmação, pois seu conteúdo mostra claramente uma reflexão do ensaísta sobre o problema da seca, incluindo-se suas impressões sobre a questão que, para ele, poderia ser resolvida se assim o “Brasil” quisesse.

## **Referências**

- 1] Afonso Bezerra. In: BEZERRA, Afonso. *Ensaios, contos e crônicas*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1967. p. 363-364. [publicado originalmente no *Diário de Natal*, Natal, 16 mar.1930]
- 2] Prefácio à 1. edição. In: SOUZA, Eloy de. *O calvário das secas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL; Natal: Fundação José Augusto, 1983. p. 11-17. [prefácio datado de Natal, outubro de 1938].
- 3] Prefácio à 1. edição. In: MELO, M. Rodrigues de. *Várzea do Assú*. São Paulo: Agir Editora, 1940. P. 05-06. [prefácio datado de Natal, out. 1939]
- 4] Prefácio [a *Cana Caiana*]. In: FERREIRA, Ascenso. *Poemas (1922-1953)*. Recife: s/ed., s/d. p. 25-29. [prefácio publicado em *A República*, Natal, 1939].
- 5] ASSIS, Machado de. *Instinto de nacionalidade*. Disponível em <http://br.geocities.com/instinto> (acesso em 10.02.2012)
- 6] CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.
- 7] CANDIDO, Antonio. Literatura e Cultura: de 1900 a 1945. In: *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1980.
- 8] CLEMENTE, Elvo [et all]. *Prefácios de romances brasileiros*. Porto Alegre: Acadêmica, 1986.
- 9] TELES, Gilberto Mendonça [et all]. *Prefácios de romances brasileiros*. Porto Alegre: Acadêmica, 1986.